



MENSAGEM DO DIRECTOR-GERAL DA OIT

Fundação Mário Soares, 11 de Janeiro de 2008

Caros (as) amigos (as),

Começo por agradecer ao meu caro amigo Dr. Mário Soares o convite que me dirigiu para participar neste encontro, que pauto da maior pertinência e importância. Infelizmente, por incompatibilidade de agenda, não me é possível estar fisicamente convosco. Não quero, no entanto, deixar de me associar a esta iniciativa através de uma pequena mensagem que, espero, possa contribuir para o debate que adivinho empolgante e profícuo.

As organizações sindicais foram criadas durante uma fase inicial da internacionalização das economias. Nessa altura, os sindicatos foram confrontados com aquilo que então se designou «questão social» do século XIX – longas jornadas, condições perigosas de trabalho, não reconhecimento do direito de organização, prevalência de trabalho infantil, inexistência de segurança social, entre outros... Muito se avançou desde então graças, em parte, ao movimento sindical e às Convenções Internacionais do Trabalho. No entanto, podemos afirmar que esta última fase de globalização da economia global criou, na verdade, uma nova «questão social» – que culminou na procura de uma globalização mais justa e inclusiva – uma globalização com um pilar social.

As organizações sindicais, enquanto actores chave da intermediação social, desempenham um papel crucial nesse ajustamento estrutural da globalização. Os Sindicatos, como catalizadores críticos na promoção dos direitos fundamentais do Homem no trabalho, têm um importante contributo no sentido da humanização da economia global, ou seja na procura de um novo equilíbrio entre a eficiência do mercado e a justiça social.

A OIT pauta como indispensável o papel das Organizações Sindicais na reconciliação do desenvolvimento social e do crescimento económico. Não alinhamos com alguns anúncios extemporâneos relativos a uma eventual perda de influência dos Sindicatos neste contexto globalizado. Cremos ser consensual, e provada em vários momentos da história recente, a importância de um movimento crítico e independente apostado no primado do diálogo social e da concertação tripartida. Essa relevância ganha especial credibilidade e força com o reconhecimento de todos, incluindo dos Sindicatos, quanto à necessidade da acção sindical promover a sua inovação e regeneração de forma a estar à altura das novas questões e aspirações dos trabalhadores.

É neste contexto que, juntamente com o movimento laboral, a OIT tem trabalhado arduamente num caminho alternativo no sentido de uma economia global com justiça social. E é assim que a agenda dos Sindicatos encontra correspondência natural na Agenda de Trabalho Digno da OIT. Fazem parte integrante dessa agenda, abraçada pelos sindicatos, temas fundamentais como:

Globalizando os direitos fundamentais no trabalho: novas regras globais induziram maior competição entre estados com o objectivo de atrair investimento estrangeiro directo. Tal tem geralmente significado o desmoronamento das normas sociais básicas. O respeito pelos direitos fundamentais no trabalho relativos à discriminação, trabalho forçado, trabalho infantil e, acima de tudo, liberdade de associação, constituem a garantia de um jogo justo. **Como mostra a história, na qual o sindicalismo tem tido um papel fundamental, Liberdade de associação é particularmente**

importante porque quando os trabalhadores são livres de se organizarem, são também capazes de tomar conta de si próprios.

Construindo uma base social global mínima: 80% da população mundial vive sem segurança social. E, contudo, nunca os lucros foram tão altos como no contexto actual. Sabemos que é perfeitamente suportável, mesmo para os países mais pobres, disponibilizar a todos o acesso à educação e a cuidados mínimos à infância, o acesso à reforma e a serviços médicos mínimos. **O que está em falta é a vontade política e é neste ponto que o movimento sindical se propõe desempenhar um papel chave – o de permitir aquele acesso aos mais pobres dos pobres.**

Criando mais e melhores empregos: o generalizado crescimento económico potenciado pela globalização não correspondeu ao mesmo nível de criação de emprego. Os trabalhadores têm pago as crises financeiras provocadas por este tipo de globalização – A crise no sector imobiliário é o mais recente exemplo demonstrador de que os mercados financeiros globais têm consequências sociais quando não são regulados de forma adequada. **O apelo comum à colocação do trabalho digno no coração de todas as políticas económicas e financeiras assume, neste contexto, particular relevância.**

Correspondendo ao desafio das alterações climáticas e do desenvolvimento sustentável: o que é claro é que o modelo corrente de globalização não é sustentável. Encontramo-nos no ponto em que estamos de facto a ameaçar a existência de vida no planeta se continuarmos neste caminho de desenvolvimento. Por esta razão, apelei à «Iniciativa Empregos Verdes» - para gerar um compromisso sério na área das alterações climáticas e do desenvolvimento sustentável. **A prossecução deste objectivo conta inegavelmente com o compromisso sindical num diálogo social intensivo sobre estas questões no sentido de ser assegurada uma justa transição para um caminho de desenvolvimento mais sustentável.**

Como prosseguir esta agenda? Os fundadores da nossa Organização desenvolveram há cerca de 90 anos meios de abordar estas temáticas confrontando o mundo do trabalho na primeira fase de internacionalização da economia global. Aqueles foram designados de Tripartismo e o Diálogo Social e constituem ainda hoje uma poderosa ferramenta para fazer face aos desafios que a actual fase de internacionalização nos impõe.

A Constituição da OIT declara que «... a pobreza em um qualquer lugar é uma ameaça à prosperidade em toda a parte ...» Nunca esta afirmação foi tão actual. Face aos incríveis níveis de acumulação de capital por parte de poucos, temos um oceano de pessoas vivendo com menos de um dólar por dia. O nosso mandato é o de lutar pela justiça social. A agenda do Trabalho Digno disponibilizou-nos as ferramentas necessárias à prossecução de justiça social para os mais pobres. É por essa razão que assinei, com orgulho, a iniciativa «Apelo para uma Acção em prol de trabalho digno, vida digna» lançada pela Confederação Sindical Internacional e outros, em Lisboa no passado mês de Novembro. Através desta campanha, espero que se gere um movimento global para a mudança, de forma a criar uma globalização mais justa que sirva muitos em lugar de poucos.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Para terminar, em meu nome pessoal e em nome da Organização Internacional do Trabalho desejo a todos os presentes os votos de maior sucesso nas vossas actividades sindical e de apoio ao diálogo social.

É minha convicção que o movimento sindical em Portugal saberá fortalecer-se correspondendo aos novos desafios com que as nossas sociedades se confrontam. Trabalhar não se limita à simples actividade produtiva. O trabalho é factor ímpar de coesão social e dignidade.